

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

**ROCHA MARTINS**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

## Carta para Sidonio, residente nos Jeronimos

O silencio e a reacção — Recordações dum passado tumultuoso — A senha duma revolução — A carruagem dos «ex» — A alma dos mendigos

Nesta semana, em que entrou mais um hospede para repasto dos gusanos dos Jeronimos, onde mórás tambem — meu pobre Sidonio — a imprensa fez á tua volta um silencio cavo. Fingiu ignorar-te, esquecer-se de que passaras na historia e do rastro de sangue em que te alogaram.

Evocaram-se todos os habitantes dessa igreja de cantaria suja, — rendas da tradição, rasgadas no abandono, — relembrou-se suas glorias e seus feitos e olvidaram-se, pelo menos na apparencia, que tu tambem aí residias e para sempre. Sim, para sempre — meu morto grandioso — porque, embora se tivesse pensado em te arrancar desse carcere de pedra onde te ocultaram, ainda com medo da tua sombra, jamais a tanto se atreveram. Primeiro pensou nisso um soldado boçal, que a morte levou num arranco a paralisar-lhe as facecias de caserneiro; depois, quem exigiu a expulsão, ao poder dar essa ordem, acobardou-se, e para aí anda atraz de toda a gente a suplicar, a solicitar, que o levem, novamente, até ao lugar donde o derrubaste a tiro. Sim, para sempre — está socegado, podes dormir na paz dessas arcarias — porque, embora não te citem o nome, eles sabem todos que muita gente o recorda, e que, entre os soldados tua fé, ainda ha alguns capazes de defender, com os baluartes dos seus peitos, esse calabouço onde prenderam os teus restos de patriota e cidadão como nenhum outro do teu tempo.

Lembras-te, quando no cair da noite, após a revolta, na Escola

Guerra, marchaste á frente desses rapazes — hoje expulsos do exercito ou perdidos nos corpos das guarnições provincianas, — e, ao som dos clarins e da artilharia rolando, te encaminhaste para o Parque? Lembras-te como seis homens, apenas seis, uma meia duzia ousada e sem medo da morte, saltou ao teu caminho, de bombas em punho, para deter a marcha, julgando ser a do inimigo? Ainda vivem e guardar-te-hão. *Honra e Gloria!* gritaste-lhes. Era a senha da revolução. Sem essas palavras, que os adversarios não podiam dizer, toda essa coluna teria sido destroçada.

*Honra e Gloria!* Os teus fieis existem. Não são agentes de policia, almas de vender a uns e a outros, são operarios dois deles, e sabel-o bem — Sidonio — como na calada das noites, no segredo dessas naves, jamais uma sombra deslisou, receando-lhe os desforços, legitimos, tão logicos, que eu — o inimigo da represalia e do sangue — sinto que não poderia culpá-los na hora em que, tocado o teu cadaver, arrastado da para o Tejo — como se ululou — entregue aos teus, sem que o pedissem — como alguém quiz — te vingassem, fosse como fosse.

Já sabes, que não se atreverão a sopezar a tua urna. Teem medo que te ergas ainda. A imprensa — quasi toda ela — fingiu esquecer-te, mal sabendo que, embora as suas vozes, muitas vezes se levantem a aplaudir, só encontram no publico o acolhimento para o contrario. Tu, homem de cathedra, politico improvisado, soldado dum momento, libertador num acaso feliz para nós e que te matou, nunca conhecestes essa grande maquina do jornalismo, trabalhando com diversos carvões. Tambem não t'a quero revelar, porque, se o fizesse, não teria mais espaço para te dizer o que me resta. Sabe apenas que se salvam alguns jornalistas nesta febre do seculo utilitario, raros são os jornais de que se possa dizer o mesmo.

Ergueram-te ás nuvens, enquanto mandaste, foste poderoso, tiveste um povo a aclamar-te. Raros tiveram a minha coragem: a de escrever — embora não te lisonjeassem, — as verdades, exatamente como neste momento, em que tu, despido das pompas e das vaidades, só entrevês a sinceridade — em que eu — sempre desprendido de teus favores, do teu convivio, da tua protecção — continuo a dizer dos outros, aquilo que produzi sob o teu olhar colerico. Apenas contigo usei da galhardia que merecia o soldado, o libertador — fui eu quem te crimeei na hora da queda desse idolo da turba, hoje relegado em Paris a negociar; — aos outros, trato como eles merecem, sem me importar da sua influencia, da sua situação, da sua vontade em que haja tambem um silencio á minha volta.

Sidonio Paes, fica sabendo que se escreveu muito mais vezes o nome do senhor Bernardino Machado que o teu. Admiras-te? Pois é assim mesmo. O protocolo, como ele se exerce em Portugal, através do Barreto da Cruz, até arranjou um genero de transporte como não consta em nenhum programa de festejos ou funerais, de cerimonia de gala ou de nôjo: o carro dos antigos chefes de estado.

Não é uma *blague* — meu amigo — eu já não tenho alegria — aquele velho gorgulhar das conjuras — para as fazer. Sou hoje um burguesote ponderado, ganhando o meu pão e sem gestos romanticos. Já vês que não é uma *blague*. Lá vem nos jornais: o carro dos antigos cheles de estado!

Claro que foi destinado apenas para ele. Vê-lo? Lá está. Sob as sobancelhas abigodadas, os olhos dum brilho forte; resaque-lhe a barba branca, de linho, alteia a cabeça rapada, duma forma estranha — entre o

pão da Aliança e a caixa de folha que envolve os presuntos de York, — arvora o ar compungido; na bôca mel, na alma o mau travo e vai recostado, todo de negro, nessa carruagem dos ex na qual já vê a dos futuros. E' assim. Não tenhas duvidas... Sim... Propõe-se...

Sinto o teu pasmo, ouço a tua voz, esse articular em que havia um nadinha do nasalado do norte—que todos os pescadores de Caminha lanhoseiam numa nota graciosa—e com este sexto sentido dos nervosos excessivos—dos ultra nervosos, como me chama o *Mundo*—eu não duvido mais da tua presença astral e escuto-te num cicio que deve ser um trovejar, vindo de tão longe.

—E' certo... Propõe-se... E tem probabilidades..

Ah! Sim, o país novamente lançado para a guerra civil, uma revolução feita para derruir um homem em vez de ter por fim a modificação dum sistema economico e social! Mais tiros, mais canhões rolando... Enfim; eles assim o querem e, embora não tencione conspirar, não vou modificar a minha attitude... Eu tinha desassete querelas na hora em que soou a artilharia no Parque. Quantas colecionarei até ao novo ribombar? E' certo, é sim... e tem probabilidades...

Por isso, uma grande parte da imprensa falou mais dele que de ti.

E' que—meu pobre morto—nós hoje vivemos num regimen plutocratico; os argentarios é que movem, sem saberem escrever, a maioria das penas. O conselheiro, como o conheces, é desses. Autor das *Notas de um Pae* em literatura e rico, riquissimo, milionario como razão de existencia. Os que deixaram de te lembrar, talvez não esperem dele diretamente cousa alguma, mas relegam-te para não o afrontar.

Em Portugal—mais do que nunca—parecendo que não, vive-se em extremos. Só raros estão no meio, no equilibrio e eu hei de marcar quais os jornalistas desse logar honesto. Debalde se apela para a paz, meu querido Sidonio, esse sonho que só os santos podem ter. Os portugueses—já o dizia Galba—não se governam nem se deixam governar. Quando veem o inimigo na fronteira juntam-se; vencedores jogam as lutas entre si. Vem isto desde os velhos tempos de Galba, de Viriato e da Lusitania. E' tarde para se modificarem.

E' que quem fala em socego, em tranquillidade, em paz, são sempre os deassocegados de hontem, os intranquillos da vespera, os enriquecidos com a guerra. Sabes quem pede paz? O Antonio Maria da Silva. Presidente do conselho, sim! Oh! como vós outros, nesses mundos distantes, ignorais as cousas mais sabidas. Ah! a Europa... Tambem não o conhece, tambem não sabe, tambem não liga. Mas a Europa sempre nos desdenhou um pouco. Pois é verdade, o Antonio Maria da Silva! Não; esse dá as ordens de Pariz. Sim... Por conta dos patrões, dos grandes ricos... Já se vê que se um bombista retirado me viesse ordenar silêncios, quietações, lhe responderia com uma gargalhada. Não ha ordem; prende-se muita gente. Existe, como no teu tempo, um nervosismo estranho, com a diferença que o deles era para o assalto ao poder, para se fazerem pagar, traficarem, enriquecerem... O nosso é diferente. E' aquele que os homens inteligentes sentiriam ao vêrem-se dirigidos por simios no fundo de uma floresta.

Por enquanto, não se fala ainda em expulsar o teu cadaver desse misero cubiculo onde te meteram: agora só sonham em levar o outro para Belem, para o palacio, já se vê. Ele, porém, já disse—talvez porque sentiu bem fatidica essa moradia—desejar viver na sua casa. Móra

agora na Cruz Quebrada, num predio que participa de *chateau* e de residencia de *brasileiro* de torna viagem. Vê-se do comboio, com os seus vidros amarelos e azues, ararados, em berros de colorido, e com seu terraço, onde se abrem umas bocarras, destinadas a peças de barro. E' ali que passearão as sentinelas. Proximo, ha uma fabrica que, no ano passado, estava cheia de melões. Julgo que os cultivou com maquinismos. Talvez um pouco da influencia do nosso homem, futuro presidente de fóra de portas — que maquina as cousas peores com o ar mais innocente.

Um fremito passa no país, ante essa ideia do que o amanhã nos reserva, mas ha quem ria já do avanço, ha quem solte rijas risadas.

Eu não, porque estivemos numa semana de luto, aquela em que te esqueceram, falando dos hospedes dos Jeronimos, mas — aceita esta verdade, meu amigo — em que foste lembrado como nunca. A calada a tua volta despertou uma reacção no publico e quando desfilaram os funerais de Junqueiro, só os teus recordaram. As comparações saíam de todos os labios — e, embora elas representassem abismos — o teu nome soou e a justiça saiu da boca do povo. Tu sabes bem que não minto, não lisongeio nem os vivos nem os mortos. Ante o claro esquecimento dos jornais, propagou-se mais o teu nome. Eram os mais humildes que falavam de ti, as silabas da palavra Sidonio alargavam-se, abriam-se, cantavam nos ouvidos, enquanto de muitos olhos brotavam lagrimas.

E' que a tua morte foi um sacudimento da alma romantica dos portugueses e se não se evocam os militares com suas armas, comendas e penachos — aqueles que já se não batem por tuas ideias — houve uma visão em que todos foram unanimes; a dos pobres, a desse exercito de invalidos, de cegos, de rotos, de famintos, de coxos, de aleijados, de semi-homens arrastando-se pelo chão, deslisando — Côrte dos milagres da miséria e da dôr sentida e soluçada — até esses Jeronimos, a ajoelharem, a entrarem, erguendo as flôres que te votavam, compradas com o produto das esmolas recolhidas.

Caía a noite quando esta legião de desgraçados ficou na nave, sob os teatraes lócos electricos, as bandeiras abatidas, as capas negras dos estudantes e eu ainda vejo aquele cego de barbas brancas, enormes, de mãos estendidas, naquele templo ao som da musica dessa *Morte do Heroe* que arrebatava. Sim, vejo o cego; tinha as cavidades dos olhos vermelhas, as barbas alvissimas, as mãos tremulas; deixara cair o bordão e chamava por ti. Não o esqueci mais. Parecia-me Portugal a soluçar por um homem, no meio de tantos militares, senhores de coturno, gente de mando, como se ali não estivessem milhares de figuras humanas.

Esse não se olvidou e tu tambem não. Ha silencios salutaes em certos instantes. Crê, porém, que ainda — além da voz da Historia que não se cala — outras falarão retumbantemente alto, ó libertador dum minuto feliz, enclausurado num *in pace* não para a eternidade, mas até ao dia da grande justiça.

## O senador preso e o policia critico

**Nova especie de policia — A esquadra da Alegria ao natural — Fantasia ou verdade? — Conceitos diante de grades — Quem era o policia dos dizeres?**

Entre as varias especies de policia existentes em Portugal ha uma nova, e a que mais deve merecer dos cidadãos: a da Alegria. Não se trata duma corporação para proibir os folguedos mas sim duma esquadra conceituosa. A Alegria é o lugar onde se planta essa parte especial dos civicos a qual não se pode deixar de recomendar com interesse.

Antigamente sabia-se da policia politica, da sanitaria, da judiciaria e da que fazia o serviço das ruas. Presentemente existem todas estas e ainda, alem d'outras, a dos Terramotos, que como o nome indica leva tudo razo; a das Mercês, na qual tudo são favores, e a da Alegria onde não preside a patuscada — como se podia depreender de sua designação — mas onde ha a boa graça portugueza e a esplendida graça nacional. Bem hajam os guardas desta esquadra bendita onde jámais deixa de reinar a franqueza.

Outr'ora os viandantes iam de pousada em pousada, de albergaria em albergaria, de convento em convento e riam ou choravam conforme as caracteristicas da comunidade: os arrabidos eram tristonhos, os bernardos jocosos, os dominicanos doutos e espirituosos, graves e solenes os beneditinos e já se sabia que ou se gargalhava ou se resava, conforme o rito da ordem, nas suas diversas casas, por esse Portugal além.

Como o espirito do seculo acabou com os frades e se dizia que cousa alguma os substituiria na essencia aqui estão agora as esquadras de policia com seus usos diversos desde o espancamento á risada, desde o calabouço ao são conselho ou á boa piada tradicional, á chalaça.

A esquadra da Alegria é das ullimas. Julgar-se-ha tratar-se dum quadro de revista. Assegurou-se no senado ser um autentico quadro de costumes. Nem sequer é a farça: é a verdade.

Um senador, bom rapaz, novo de mais para o conspicuo encargo, pois lhe compete ser, senão senil, ao menos avelhado, foi a essa original esquadra fazer uma reclamação por altas horas da noite.

Não sei se imaginou orar numa sessão nocturna, pois é bem delicado, o arguido, e só por tal motivo soltaria o berro, de que o accusaram. E' certo que desagradou por seus modos ou talvez por ter acor-

dado os bemaventurados que dormiam em seus catres sonhando com peixe espada visto ser o dia seguinte ao jejum consagrado.

Increparam-no, por sua entrada no recinto da autoridade e, como se quizessem mostrar que quem pisa aquele logar de facecia não sai sem as ouvir, prenderam-no. Claro que não era intuito dos bons policiaes fazer-lhe mal; apenas queriam que estudasse ali seus costumes nocturnos e ouvisse as boas piadas.

Ele, porém, sentindo ser já muito tarde, declarou querer ir-se em paz e mostrou seus documentos de senador.

Começou, desde logo, como num auto vicentino, a acção da critica e da chalaça.

— O quê, senador? . . . Senador! Está preso . . .

Falou assim o guarda mais gracioso daquele tablado da Alegria e como o representante dos povos lhe dissesse ser contra a Constituição semelhante acto, ele, volveu, ponderado, firme e convictamente:

— Aqui — a Constituição sou eu! . . .

Os jornais chamaram, a este policia, Luiz XIV, fizeram comparações historicas, e entre picarescos e severos, apontaram-no aos superiores sem atinarem com o verdadeiro nome do guarda, com a designação que lhe cabe. E' que não ficou só em afirmativa de ser ele o livro da lei; foi mais alem, pois falou assim:

— Com que então, senador?! . . . Pois pode limpar as mãos á parede com as boas leis e figuras que lá fazem no senado.

Não sei se o capturado lhe seguiu o conselho. Eu, nestas questões de limpar as mãos á parede só me recordo duma vez, em certa sessão de espiritismo, com o Ramada Curto, em que ao passarmos as palmas nos estuques arrancavamos luminosidades, as quais deixavam em extasis e em delirios as damas, então pouco sabedoras da quimica dos fosforos embora estivesse muito em moda engulirem-nos por amores mal correspondidos.

O que elas viam nesses clarões eram cousas sobrenaturais, fusilamento de olhos perdidos de caveiras, logos fatuos dos mortos evocados.

Se na esquadra tivesse chegado a haver fosforescencias seria porque o senador teria visto as estrelas, mesmo no lobrego do calabouço.

E' que a peça da Alegria meteu tambem um carcere a cujas grades o guarda continuou a sua excelente piada:

— Pois sim senhor, fazem-nas lá bonitas . . .

A critica ao senado, traçada por um policia da esquadra da Alegria, ás 2 horas da manhã, com esse senador engaiolado, devem concordar que tem muito de entremez, de farça e ao mesmo tempo de dialogo romantico.

Aquilo era como a ameaça de o guardar ali para não tornar a fazer as leis detestadas em seu animo de vigilante da ordem, de bom policia amigo da seriedade nos codigos.

Numa indignação, o parlamentar gritou, apelou para o telefone, disse querer falar aos officiaes do Governo Civil, acrescentou mais uma qualidade aos seus já expostos titulos e sabem o que esse homem retorquiou, á beira dessas grades de 4.º acto de Ennery?

Mal o imaginam; é bem difficil de calcular! Aquilo não era um policia, era alguma cousa de fantastico!

Talvez fosse Roberto, o meu colaborador num *travesti*, de aventura, ou então o proprio demonio. E' que um guarda, um simples civico, com

sua matricula, seu numero na gola não tem tais conceitos e, sobretudo, não avança em audacias senão em dias de costas quentes e de sabre na mão com a tropa a seu favor.

— Com que, então, falou aos officiaes? — perguntou ele depois de criticar o senado, de certamente o achar caro para o que trabalha, de mandar limpar as mãos á parede, na pessoa dum dos seus mais paradoxais membros, sua idade e dos seus mais simpáticos elementos por sua delicadeza.

— Sim, senhor, quero ir-me embora . . .

Uma gargalhada, em que devia haver muito de sarcastico e de patusco, respondeu no éco do carcere gradeado. Mais um olhar para as portas, e depois um gesto magnanimo, generoso de pessoa que dá uma lição, por horas tardas, a um alto funcionario do estado, e uma decisão:

— Vá-se em paz . . . Mas olhe que não é por causa dos superiores . . . Vai, porque eu quero . . . Aquilo, lá por cima, pelo Governo Civil, tambem está precisando duma reviravolta!

Disse e correu a grade; o senador saiu tambem corrido.

O guarda quedou-se a olhar a lua na noite quente de junho, depois sumiu-se.

Quem era ele? Escusam de lhe procurar o numero. Não o tem.

Aquele policia era a voz da nação a fazer um aviso alegre e a dar uma amnistia amiga a um legislador para que os outros, um dia, não aleguem ignorancia do que se pensa a respeito da sua colectividade.

## A bacanal dos percevejos

Miseráveis duma família hemiptera — Da fome  
á abundancia — O bodo duma tribo — A raça  
que se vinga — O pesado sono dum fornecedor  
de sangue

Num carreiro comprido, arrastando-se, tarda e desmaiada, a tribo alastrava triste e faminta. Vivera nas gretas da casa como em subterrâneos, nos interstícios dos leitos e dos moveis, descolorida, anemisada, sendo só pele, tendo perdido até aquele cheiro acre e repugnante, a catanga da raça, tão mal odorenta que os velhos franceses lhe chamavam *pue nez*, donde veio o *punaise* e cuja tradução é persevejo.

Já de si é chata e mal feita essa familia de sugadores, as patitas curtíssimas, as chupadeiras como laminas, raiada no ventre para se agarrar com força e beber sangue, pois animais tão cobardes—como se sabe só se atrevem nas ciladas das noite—alimentam-se à laia dos vampiros misteriosos, morcêgos sedentos e tragicos que procuram com tanta ancia perfurar as veias humanas para seu regalo como um principe, habituado, aos vinhos raros, regeitando putréas.

Pois em apetites hematobios delira a tribo reles querendo gosar e alimentar-se como os animais da lenda e do terror, imaginando-se aves tragicas eguaes a sapos que se julgassem aviadores.

Aquela familia, porem, estava na maxima penuria; não caía em casa boa e após o estiramento pelas paredes voltava tão abatida que mal podia fecundar, pôr os ovos donde deveria sair uma grey, cheia de força a vingar os misterios dos avós. Os filhos eram cloroticos e dispensava-se o alcool, a terebentina e a canfora, com sublimado corrosivo pulverizados, numa metralhada, para acabar com os rebentos daquela *clan* palida, anemica, prestes e desaparecer. Morriam à nascença.

Os pais lembravam mendigos achatados, de sacolas vasiaas, atravez de cujas epidermes se sujava a luz. Jamais houvera no orbe tão ambiciosos e esfaimados hemipteros, de cheiro tão fóra das suas caracteristicas e colorido tão diferente dos seus gemeos que podiam até passar por degenerados. Não tinham energia para procurar novas regiões, deixavam-se acabar visionando parceiros que ventrudos pletoricos, em hema-dritoses copiosas, regalados nos suadoiros do bom sangue alheio.

Alerta, como uma esculca a prevenir uma quadrilha, surgiu em certa noite um dos mais novos, só pelinha que o vento parecia levar, e

logo se formou a fila, bem cerrada, aos tres e tres, para um ataque medroso mas necessario à conservação da familia.

Um homem viera deitar-se ali num sono pesado de quem labutara muito; deixara-se abater no quarto, até então deshabitado, e na sombra espessa, na doçura da noite, ficara-se preso em bons sonhos.

A falange subia pela parede, movia-se numa pressa de sequiosos em deserto, ao lorigarem folhas verdes de coqueiros e assim chegou ao tecto, se instalou, colocando-se bem sobre o dormente, decidida a deixar-se cair de alto, a lançar-se em furia, a devorá-lo. Havia já quem esfregasse as antenas num consolo prematuro.

Primeiro despregaram-se do estuque os da frente numa fulminante descensão, depois os outros e, dentro em pouco, como se fossem pequeninas ventosas, glotonamente, àvidamente, sorveram, chuparam, cravaram as patifas, chucharam ao acaso nos hombros, nos braços, no pescoço do cançado pasto, disfructaram aquele corpo lasso de fadiga, suado e esmagado pela faina como um país exaurido após o esforço vasto e penoso duma guerra longa. Alguns meteram-se entre os pelos bastos do peito, como um bando de escolares num pinhal, outros quasi se sumiram na derme, sugando, mamando, exgotando a parcela escolhida naquele festim onde um homem abatido era o prato de resistencia duma raça inferior tão ávida de hematosinas como as *cocottes* estreantes da espuma do champagne.

Havia os amadores de bons bocados. Os mais rapidamente fartos lançavam-se agora ás pôlpas dos mamilos, sugavam-nos com prazer imaginando uma sobremesa, rebolavam-se, refastelavam-se e daquela familia descolorida, anemica, sem agilidade e sem ardor, da raça lamelica dos escuros buracos dos leitos vãos, refloria, vigorosa e rija, pançuda e prospera uma legião saudável bem alimentada e tão vermelha que parecia espirrar pelas suas peles distendidas o sangue do adormecido como pandegos vomitando os excessos de seus prazeres.

Daquela fome antiga satisfeita, consolada, já cousa alguma restava nem mesmo a reminiscencia para alguns; para outros, porem, nada os saciava e tomavam-se de caprichos na excitação alegre daquele bodo rubro. Iam ousadamente — quem o diria? — aspirar mais umas gotas nos labios abertos da vítima que resonava fortemente, de bôca aberta.

Lembravam pintalegretes bebados fazendo proezas dificeis para colherem um morango na beira dum precipicio.

Como eram muitos e tinham chamado a parentela, mandando emissarios a narrar a boa nova pelas fendas mais distantes do pardieiro, apareciam exercitos sem fim que enrubesciam na chupança. Nem era preciso anunciar cousa alguma; os que os tinham visto passar acobardados e lentos, cambaleantes e anemicos em demanda do tecto espantavam-se ante o seu regresso burguez, fartinhos, da boa sugadeira, transformados como vadios dos caes encasacados para um jantar de restaurant, em *partie fine*.

Então, imitavam-nos e vinham de longe, desciam dos buracos lobregos, como provincianos na sêde urbanica de prazeres e de aventuras, de acasos felizes tomando as cidades com seus appetites ferozes de gente enviciada capaz de matar para satisfazer as perversões e as ancias glotonicas.

Eram imensos; bando legião, turba num exodo de povo escorraçado por um cataclimo ou por um invasor, descendo das agruras para os

seus braços não tinham uma nespasinha branca e no peito, entre lanugem, nos sovacos, nas partes delicadas e até nas mais cavadas e sujas eles se metiam, revolviam, sugavam, devoravam, fortaleciam-se à custa daquele catapletico exgotado pela labuta. Já caravanavam emigrantes vinham mais, sempre mais, desalojavam-se, empurravam-se. Os fartos retiravam-se com náuseas, tontos, de antenas á banda, silenciosos mas trocistas pois o que deixavam era uma misera epiderme em sangue, sem bocado limpo para o goso voraz. Aquilo, agora, só servia para a parentela, pois eles desdenhavam dessa epiderme chupada, ambicionavam viandas de mais luxo, prazeres mais delicados: uma sugadela nas palpebras, uma picadinha na língua, um *pic nic* nas orelhas.

Pletóricos, magníficos, vermelhos, bem apercebidos e apercevejados, do seu tom escarlata, pareciam Cesares devassos arrastando purpuras vomitadas no fundo negro duma noite lobrega.

Davam o exemplo duma prudente reentrada nos seus buracos, fendas e juntas de moveis, deixando aos outros o devoramento, visto já estarem fartos e terem medo do dealbar quando a boa luz do sol, batendo nos olhos do dormente o despertasse para mover aquele gesto exterminador do gigante ligado pelos soldados de Liliput.

Ele, porem, não tinha já bocadinho do corpo onde não se tivesse colocado um invasor. Não poderiam deixa-lo sem calcarem os outros, tal era a aglomeração sobre aquela pele, devorada mas donde brotava sempre sangue no recurso heroico duma teta colossal a alimentar até ao exgotamento, aqueles hematofagos insaciáveis.

Nas plantas dos pés colavam-se sobre as crostas calosas, os retardatarios; incrustavam-se nas pernas e na barriga, como uma fauna camaleonica vivida de branco para o festim e alagostando-se na enfartação, recolhiam-se nos relogos íntimos e espreitavam deliciados no concavo do umbigo, lançavam-se em manadas para os seios e para as axilas e chupavam, sorviam, deleitavam-se, repetiam as aspirações, enterravam-se nas carnes e, no pescoço, formavam como um colar triplice e coralíneo naquele banquete de sangueira. O proprio rosto estava invadido, bem como os labios em suas commissuras e polpas; nas ventas instalara-se uma familia comodista, esperando fazer dali eterna moradia, penetrar até á caveira como mineiros em cata de filões e, nos olhos, balançando-se nas pestanas, imitando gente fina, depois duma partida campestre, a embalar-se em redes, assim eles, os mais grãos, os mais felizes, já não por comer mas por assistir ao regalo da população deles, ali estavam sentindo-se venturosos, naquele doce romper da manhã que vinha ao longe, de casa de Deus, furar a treva.

Nos ouvidos andava uma tribu pastando, deitara-se outra á sombra das sobranceiras e alguns, mais ousados, já iam enchendo a cavidade da bôca, a palatina, a guela, sufocando, ficando-se num delirio, do regalode famintos numa farta presa adormecida.

Nas paredes passavam as multidões rubras, radiantes, mal se arrastando, cambaleando como turbas na volta duma romaria, sobre o corpo abatiam-se ainda os gulosos e os insatisfeitos. O sol nascia; o dormente não acordava e tudo aquilo era côr de sangue na furiosa ba-canal dos percevejos e um cheiro acre, nauseante, a catíngia da raça, dominava com o ranço sudorifero dum exercito, fedendo á soalheira, após uma pilhagem.

Era numa manhã dourada e o homem dormia, dormia e resonava.

## As onze rainhas do Terreiro do Paço

O aumento dos ordenados aos ministros — Parasitismo oficial — Como se fabricam os dirigentes — A lista civil e a lista geral — Duas especies de corôas

Nos alcaçares do Terreiro do Paço existem agora onze rainhas pelo menos no preço por que pagavamos as autenticas. Temos a do interior, a das finanças, a das colonias, a da guerra, a da marinha, a da agricultura, a do trabalho, a da justiça, a da instrução, a do commercio, a dos estrangeiros, soberanas não por gentileza nem por galhardia, mas pelas suas listas civis.

Recebiam, outrora, as esposas dos reis, sessenta contos por ano e com essa quantia deviam comprar as suas *toilettes* de gala, as suas joias, dar as suas esmolas, pagar o seu estado, mostrar-se ao povo, em automoveis e sustentar seus familiares.

Sessenta contos cada ano e automovel ás ordens recolhem agora os zangãos casados com a republica e que na colmeia bem fornida, á custa de todos nós, sorvem os melhores favos, parasitam o trabalho alheio, empavonados, tomando-se a sério.

Se me perguntarem se acho cara a acção de Lloyd George, por um milhar de libras, de um Briand ou de um Romanones, por fartos francos e pesetas, dir-lhes-hei que não, porque estes ministros são estadistas, na acepção da palavra, conduzem os seus paes e dignificam-nos. Além disso, são honrados e começo a duvidar muito da honestidade de quem aceita, insinuando e ordenando ás clientelas votantes do parlamento, não só um aumento colossal de vencimento, mas ainda o retrospectivo direito de receber, desde janeiro, a quantia pingue como atrasada. Cada ministro dessa fauna democratica, insaciavel e tripudiante, vai embolsar seis meses de ordenado, deduzidos os escudos já empochados, o que dará 24 contos a cada um: duas sortes grandes em cautelas de três.

Claro que, como num bodo largo, do qual se conta apresentar a soma dos gastos da nação, tambem deram garantia igual aos empregados publicos de todas as categorias, uma especie de gorgeta maior que os proprios vencimentos como nababos que pagassem cinco tostões de um *bock* com uma libra em ouro e não quizessem o frôco.

Este governo que tributa o paiz, em nome da miseria do erario, des-

vergonhadamente, enche as proprias algibeiras. Cada ministro rouba á nossa fome 24 contos de atrasados como se devessemos chamar serviços ao que não tem sido mais do que a marcha para o descalabro.

Portugal entrega, desde já, 264 contos aos seus dirigentes como verbas vencidas, e fica obrigado a dar-lhes mais 60 contos, anualmente, além de um automovel a cada um. São perto de mil contos para sustentar inuteis.

Analisemos bem como se faz um ministro e o paiz que me diga se qualquer deles vale o que nos obriga a pagar.

O ministro portuguez é, por via de regra, um palrador partidista, sem educação e sem talento, um homem que largou a sua profissão para ir arrancar á politica aquilo que o trabalho não lhe deu por sua ineptia, por sua falta de habilidade ou por sua ignorancia.

Basta tomar ao acaso, no gabinete actual, as provas do que avanço.

O chefe do ministerio como engenheiro deu em administrador de concelho; o ministro da agricultura, como oficial da marinha, empregou-se na casa Burnay; o da instrução—oh! cumulo dos cumulos!—nem acabou o seu curso de medicina. Equivale a um soldado que o acaso duma derrota, e a cobardia dos generais, alçasse até ao comando supremo.

Pois são estes os governantes, incapazes de se sustentar das suas profissões, os que as têm, pois alguns carecem ainda de que o estado lhes arranje, embora não possuam aptidões para as desempenhar. O Conselho Superior Financeiro é um alfobre de incompetentes; a Caixa Geral dos Depositos, em seu corpo directivo, está tão falha de autoridades que nem lá tem um financeiro. Pois tudo isto come, devora, se atulha com a fome ugolina de quem ama a republica para a devorar. São peores do que Saturno comedor dos filhos. Eles róem a propria mãe.

O pessoal superior, o que manda neste paiz, é o menos inteligente e por via de regra, o menos honesto. Sahe da aventura de uma revolta ou de um abaixamento diante de um chefe que adora a lisonja. Não chegou ainda um homem ao poder por seus meritos pessoases, por suas provadas qualidades de estadista. Colhidos na lama dos partidos distribuem as postas como na Azambuja, nos tempos dos quadrilheiros ousados, dos que ao menos, arriscavam a vida, se partilhavam as tomadias. Estes julgo que as rifam. A operação é simples. Num chapeu deitam-se os nomes dos correligionarios gritadores, no outro as designações dos ministerios. Presisa-se de um inocente para tirar os papelinhos enrolados.

A Penitenciaria fornece-o. Então calha a cada um sua pasta, seu naco, sua comezaina, seus 60 contos e as cousas caminham á larga, ao acaso, sem moral e sem dignidade, numa pandega de baixo coturno, num salsifré de novos ricos.

Ora porque havemos de pagar 60 contos a quem nos defrauda em mais de 600.000?

Seria melhor dar-lhos e manda-los para casa, gastar essa verba nascida do escandalo e da cumplicidade de um parlamento ignaro e de relissima categoria, para que não delapidassem mais fingindo que governam.

Eram estes que auferiram agora, porque assim o entenderam, 24 contos de reis, pagos duma vez, dizendo-os ganhos de janeiro a junho, como uma divida do estado para com eles, os mesmos que clamavam contra a lista civil apontando ás hordas os quinhentos contos com que se sustentava o decôro da realeza, a sua representação e categoria.

Ouço ainda o rouquejar dessas gargantas famintas, vejo ainda os seus punhos erguidos, escuto o seu vozear acerca da applicação dos 500 contos dos ordenados regios. Que se edificariam escolas, que se abririam lactarios, que se fariam hospitais e não se descuraria a assistencia. Rainhas a 60 contos! Principes a 20, reis a 300?! Oh! o povo que visse! Quantos navios se aumentariam á frota com semelhante e inutil dinheiro de pagamento a quem vivia em paços como idolos!

A republica, economica e desinteressada, mal pagaria aos seus servidores e uma isenção patriotica os obrigaría a andar a pé e as suas noites seriam votadas á nação. Com effeito dispuseram delas para arrombar os cofres publicos, em ares legais, em sessões parlamentares de fóra de horas.

Tudo se paga neste mundo. Pagam-se agora 1000 contos a inuteis; amanhã, esgotado este dinheiro, quererão mais e mais e chegaremos assim a este paradoxo de estar dotando largamente quem largamente nos arruina.

Dizia D. Maria Pia que quem quere rainhas tem que as sustentar. Está bem. Agora, apesar da republica não as querer, appareceram onze no Terreiro do Paço!

Suas Magestades fingem de ministros e compete-lhes, de graça, o que ás outras custava caro: os automoveis.

As rainhas decahidas traziam as corôas nas cabeças, estas magestades, para se fingirem democratras, diante da populaça, metem-nas nas profundas algibeiras.

## Os juizes do "Mar Alto"

A censura pollicial — Um sintoma que não se quer vêr — A pornographia e o alimento da autoridade — Do "cinema" às esquinas — A nudex consagrada officialmente

No meio da maior indiferença dos jornais, dos escritores e das associações de auctores e actores se passou um facto singular e perturbante. Três juizes, atacados de pudicicia, julgaram e condenaram, sem restrições e sem apelo, uma peça intitulada *Mar Alto* com a qual o original literato Antonio Ferro fazia a sua estreia de dramaturgo no teatro de S. Carlos.

Não me compete averiguar do entrecho da peça; o que careço pôr em praça é a moralidade do processo, usado hoje para um drama accusado de pornografias, amanhã aplicado a outro por revolucionario, no dia seguinte a terceiro por simples embirração. O precedente é tudo; a falta de protesto ajuda a novas tentativas e eis como de repente, num habito novo, numa audacia policiesca, se invadem regiões até aqui defezas a magistrados e que pertenciam apenas à alçada dos conselhos da arte dramatica]

Ninguém se levantou a perguntar razões e num cantinho do governo civil tres bachareis, que naturalmente de literatura tem a perpretação dalgum acto de peça de despedida em Coimbra, ficam, autorisados — porque o uso faz lei — a chegar-se ás nossas produções, aos nossos romances, aos nossos dramas, aos nossos panfletos, até aos nossos jornais e aos nossos livros de historia, e de dedo espetado, e o manual da Perseguição bem decorado proibirem a sua venda, a sua exhibição, a sua livre passagem.

Um juiz — por mais inteligente que seja — não pode ter em si atribuições para julgar literatura e o que se praticou foi isso mesmo, e mais ainda: o que se fez foi o restabelecimento da censura.

Todos os dias em comicios, em parangonas das testeiras das gazetas, no parlamento, nos mesmos discursos officiais não se ouve e não se vê senão a grande palavra Liberdade como um guião republicano; chega-se, porem, ao seu uso e tudo se atropela em nome, não sabemos bem, de que leis ou de que principios.

Não li a peça de Antonio Ferro, não assisti à sua representação, sei, porem, que ela não contem palavrões que o autor não cultiva e

tambem que, decerto, não apresenta as nudesas habituais em todas as revistas do ano exibidas, num proliferamento extraordinario, em todos os teatros de Lisboa.

Um dos atractivos desse genero teatral consiste nos corpos das coristas e das actrizes; o outro está nas palavras apimentadas, de duplo sentido. As platéas enchem-se; a pornografia reina. Chegam a ser chavões caracteristicas dessa especie de peças, o homem amaricado, a menina amoruda até á pouca vergonha, os finais de actos com mulherio de pernas e seios á vela, entre fogos de bengala e palmas dos espectadores eletrisados.

Ha muito tempo que isto é assim e nunca tres juizes severos, graves, pinamanicacios, se lembraram de mandar chamar os emprezarios, de os obrigarem a lêr a porcaria e de acabarem dizendo-lhes: Feche lá essa escola de indecencias.

Moralisadores de costumes, esses magistrados, ainda não se lembraram de procurar nos animatografos as fitas ignobeis ás quais assiste um publico de crianças e de raparigas que aprendem nas diversas peripecias decorridas a seus olhos, sem arte muitas vezes, as cousas mais luxuriosas. Ao mesmo tempo, seria duma alta providencia e dum alcance maximo mandar policiair tambem as platéas dessas casas de espectaculos, investigar do que se passa em certas *matinées* onde se dão scenas de baixa concuspigencia como eu já descrevi neste panfleto ao tratar do que chamo as *Cionemicas*.

Mas nem é necessario entrar nesses recintos para encontrar que moralisar e muito mais eficazmente do que tocando nas peças literarias.

Por todos os recantos da cidade, em pobres trajos, ou simplesmente cobertas de farrapos, aparece a prostituição das menores e até a da infancia. Basta percorrer as ruas, ir à beira dos cais, atravessar, de noite, as avenidas, e, mesmo de dia, certos pontos onde essa desventura se exhibe a troco dum bocado de pão.

E nos *clubs*? Verdadeiras escolas de perversão e de crime foram toleradas pela autoridade que delas tiravam proventos como se alimenta, ainda, das multas impostas ás meretrizes.

Uma policia que se serve, em grande parte, de semelhantes fontes de receita é por si propria uma imoralidade. Se assim não se compreende, a logica faleceu ou foi metida nalgum calabouço por pornografica.

Como pode ter autoridade para condenar o individuo que vive á custa das desgraçadas, desses bairros do vicio, quem aceita, para si, dinheiro da mesma origem? O mr. Alphonse da viela tem o seu emulo no cofre do governo civil, e assim como não falta categoria para condenar um assassino, áquele que já um dia assassinou, do mesmo modo não pode sentir fóra da lei o rulião quem iôr buscar á mesma vergonha que o alimenta receitas para seu uso.

Dos clubs do jogo e da prostituição veiu — julgo eu — durante largo tempo — dinheiro para a caridade oficial. — Dentro em pouco, quando o parlamento fechar, voltará a succeder o mesmo. Pelo menos é essa a esperança dos batoteiros.

Depois de tudo isto, apetece perguntar com que razão se acusa de imoral um drama e tres juizes o apreciam, como se fossem homens de letras ou criticos. Essa missão da critica exercida pela policia ou seus congeneres, repugnou-me sempre tanto que, em plena guerra e governando Sidonio — do qual me considerava cúmplice — protestei contra a

aplicação da censura á imprensa, por um alto principio de liberdade e de dignidade profissional.

Agora, de repente, sem mais preparo, num ímpeto, manda-se retirar uma peça do cartaz, deixando-se nos *ecrans* todos os *films* ignobeis; julga-se da moralidade dum drama e assiste se, impassivel, aos que se desenrolam na prostituição diaria da infancia e emquanto se proíbem representações de cunho literario, consente-se na exhibição das pornografias das revistas, sem o menor vislumbre de arte, de comoção, de vida, nas suas scenas, geralmente pulhas.

O quadro do sucedido no Governo Civil está aqui desenhado assim como a falta de camaradagem de quem devia fazer á autoridade as perguntas que, tardiamente, lhe dirijo, afim de arquivar mais este atropêlo sentindo já para que caminho nos conduzem. Amanhã, quem desenhar no romance ou no palco a vida dum militar, dum banqueiro, dum ministro, terá três juizes a julgar do seu talento e do valor da sua obra, em nome do exercito, da alta banca e da politica, como agora actuam sob a ideia do que chamam imoral, mas que se tolera, ás escancaradas, noutros palcos, noutros logares, nos *cinemas* e nas ruas e até alimenta autoridades.

Oficialmente, á vista de todos, numa nudez completa, sendo até um simbolo, a pornografia domina uma cidade e ninguem vai vestir essa nudez, emparrar essa virilidade, lançar um manto sobre essa pedra colocada na fachada dum grande edificio.

Daqui a denuncio aos três juizes. E' o frontão do largo do Pelourinho, instalado, bem á fresca, na fachada da Camara, onde nós deliberamos á sua guarda e á sua sombra, sem que, até hoje, tenham embirrado com ele os policias da esquadra, bem diferente dos que quizeram pôr um dique ao *Mar Alto*, esquecendo-se que instalar uma comporta diante duma onda, é obrigá-la, com o tempo a saltá-la ou a destrui-la.

